
RESENHAS

AMIN, S. **Capitalism in the age of globalization**; the management of contemporary society. London: ZED Books, 1997. 158p.

Samir Amin, egípcio, 66 anos, mundialmente conhecido por seu pensamento radical sobre o capitalismo, dirigindo, na atualidade, o Third World Forum, no Senegal, apresenta, nessa sua obra mais recente, sete ensaios, escritos em diferentes oportunidades, sobre a globalização do ponto de vista da acumulação capitalista e das várias conseqüências para as populações dos países pobres. Seu foco principal recai sobre o controle e a administração dos mecanismos políticos e institucionais exercidos pelos países ricos do Ocidente (o conhecido grupo G7, cujo ente executor é o FMI), para evitar crises de graves proporções para o sistema capitalista.

Afora o tema específico da administração das crises contemporâneas – assunto do segundo ensaio, que fornece o subtítulo ao livro – trata também do futuro da polarização global; da reforma do sistema financeiro; da questão étnica sob a globalização; da perspectiva da retomada no desenvolvimento no hemisfério sul, do desafio da unificação européia e, por fim, do papel da intelectualidade no processo de desenvolvimento.

Há um conjunto central de pontos de vista que compõem seu corpo teórico e que sustentam e orientam os vários temas discutidos pelo Autor. Em primeiro lugar, entende que o crescimento econômico verificado no pós-guerra foi baseado em um sistema composto de três partes: a) “welfare state” no Ocidente; b) sovietação do Leste; e c) aburguesamento no Terceiro Mundo (pp.19 e 34), que poucos resultados trouxe para a eliminação da pobreza e a solução dos graves problemas dos pobres. Presentemente, a crise desse sistema confunde-se com o esgotamento e colapso do Acordo de Bretton Woods, que havia fornecido as bases para seu funcionamento.

Em segundo lugar, desqualifica a tão decantada noção de competitividade como elemento próprio da esfera econômica, acreditando ser produto complexo da interação de fatores econômicos, políticos e sociais. Em termos de poder, tal competitividade que sustenta a liderança dos países centrais está representada por cinco monopólios impostos aos

países pobres: a) monopólio tecnológico; b) controle dos mercados financeiros mundiais; c) acesso monopolístico aos recursos naturais; d) monopólio dos meios de comunicação; e e) monopólio das armas de guerra.

Ao colocar o administração da crise do sistema capitalista como a preocupação central das nações ricas, afirma seu terceiro ponto: os “programas de apoio ao desenvolvimento” do Terceiro Mundo são meros atos rituais e retóricos, vazios de sinceridade e credibilidade e geradores de padrões desiguais de distribuição de renda, de crescimento da pobreza e de devastação de amplos espaços naturais (Caps. 2 e 7). Quanto à questão intelectual, o Autor entende que a “teoria da dependência”, que, na América Latina, tem entre seus maiores nomes o do sociólogo Fernando Henrique Cardoso, há características mecanicistas, economicistas e determinísticas (p.143).

O quarto ponto a marcar mais de um de seus ensaios é a crença no socialismo para encaminhar soluções alternativas em escala planetária.

Ao mesmo tempo, os países ricos implementaram uma tríade para administrar o sistema como um todo, baseada no Fundo Monetário Internacional (FMI), no Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) e na Organização Mundial do Comércio (OMC). Ainda assim, sob a globalização, crescerá uma contradição capitalista de difícil superação para o sistema e que se expressa pelos choques entre a administração econômica, exercida necessariamente no espaço de escala mundial, e a condução das questões políticas e sociais fragmentadas, em espaços nacionais. Nessa perspectiva, as alternativas são o socialismo ou a barbárie (p.22).

O discurso e a prática das instituições a serviço da manutenção do capitalismo são basicamente ideológicos. Assim, a ideologia da “liberdade de comércio”, sobre a qual se assenta a OMC, não tem respaldo histórico; os programas do BIRD mal escondem o foco principal de administrar as crises do sistema e o papel do FMI reduz-se a manter os interesses financeiros americanos em torno do dólar como moeda mundial.

Nos espaços nacionais, Amin ressalta o impacto da globalização em dois temas: o da privatização e dos “ajustes macroeconômicos”. No primeiro caso, a privatização é vista como uma saída para o excesso de capital volátil, típico das crises e que, nos anos 30 gerou “a massive and brutal colapse” (para formar uma idéia mínima a respeito, o Autor informa sobre a espetacular desproporção entre os US\$ 2-3 trilhões/ano movimentados pelo comércio mundial e os US\$ 50-100 trilhões girados anualmente pelo

Resenhas

mercado financeiro – pp.20 e 97). Já os “programas de ajustamento estrutural”, aplicados nos países pobres e estendidos aos países do Leste Europeu (que estariam passando por processo de latino-americanização e de submissão aos países da Europa Ocidental), são considerados imposição do processo de globalização para ampliar e desregular os mercados, o que terminou por gerar efeitos perversos, entre os quais: incremento do desemprego, queda na remuneração do trabalho, incremento na dependência externa de alimentos, deterioração ambiental, deterioração dos serviços de saúde e crescimento contínuo da dívida externa (p.13).

Além da análise crítica, o Autor expõe sua utopia socialista como alternativa às utopias étnicas, fundamentalistas ou neofascistas, que representariam uma regressão antidemocrática. Afirma que não se pode confundir o socialismo com o soviétismo e que o “new socialism” é mais internacionalista, contribuindo para a recomposição de agrupamentos regionais capazes de se oporem ao internacionalismo do capital, sem a perda da competitividade global (p.76). Sua proposta se completa com a apresentação de outras nuances, como: instauração de um mundo policêntrico; revisão do “livre mercado” à custa de concessões de países periféricos; enfrentamento dos cinco monopólios que configuram o poder dos países centrais; reestruturação da ONU, do FMI, da OMC e do BIRD; reconstrução da integração entre o Leste e o Oeste europeus; e reengajamento das esquerdas no processo de democratização e de distribuição dos frutos do progresso material, com especial ênfase para o caso africano que, a seu juízo, configura o “Quarto Mundo.”

Mauro Márcio Oliveira

Economista

E-mail: mauromarcio@tba.com.br